LEVEZA...

Na leveza das palavras respiro a madrugada

Que faz de ninho ao cuco enquanto espera

A presença do Sol que é sempre abençoada

Por cantar os dias, seja Verão ou Primavera.

Os campos já vestiram uma real serenidade

Deitaram-se as flores onde temos de poisar

E beijando a terra, procuro sentir a verdade,

Pintando as horas que faltam para te amar.

No meu olhar dançam abelhas de luz e cor

Escorrendo o mel, que sonho nos pertencer

Que o meu corpo tem a natureza do Amor

E tu, já vens subindo, ao encontro do prazer.

Agora, só nos resta, partilhar cada momento

Sentir todas as coisas como quem lê poesia

Que no silêncio das águas morreu o vento...

Nem os cascos dos cavalos soam neste dia.

João Azevedo

O MAR EM NÓS

Canto a vida como a conheço

E sei que o Sol é quente no verão

Penso em ti quando adormeço

E por ti Amor farei uma revolução.

Na minha vida até o sonho é mar

A imensidão perdida na demora

De olhar o céu e poder contemplar

O azul onde tenho a minha hora.

Canto o mar…em nós o sinto

E tenho em mim as ondas a bater

Que ao Amor eu nunca minto

Nem lhe escrevo só por escrever.

Ah! Se eu pudesse na verdade

Levar o barco…aonde tu estás

E ter no teu olhar a felicidade

Das marés que ficam para trás.

Talvez o sonho seja apenas ficar…

No areal de uma praia qualquer

E ouvir no mar sereias a cantar

Quando a Lua vier nos conhecer.

E no meu olhar de sonhador…

Procuro as rochas que há em ti

Rasgo tempestades de Amor…

Digo-te tudo o que não esqueci.

Um dia, quem sabe, talvez a sós

Tenhamos nestas águas uma cama

E como ilhas uma parte de nós

Abraçando as ondas de quem ama.

NA MINHA RUA

No chão da minha rua

Há a imagem...

Das crianças atrofiadas e esmagadas

Pelas atrocidades da vida.

E há a Lua...

Que ilumina o que falta na coragem

Das pessoas enganadas

Em nome da liberdade pretendida.

Na minha rua não há Deus?

É que esta gente nasce e morre...

Com cara de quem nunca o conheceu.

E não há mar...

Nem sensações diferentes dos beijos meus.

Até as águas que correm...

São inundas como algo que apodreceu...

Na valeta do findar.

Neste chão que não é sagrado

Há uma voz que se levanta...

Coisas novas que é preciso conhecer.

E até há um sonho...

As crianças de corpo e alma sem pecado

Brincando com aquilo que as encanta

E vê-se que gostam de viver...

Na minha rua. Suponho.

TEMPORAL

Chegou o inverno...

E no céu coberto de nuvens choronas

Há uma dança singela de folhas mortas

Papéis rasgados da cor das azeitonas

Tudo que o vento achou fora de portas.

Eu sei que é tempo de temporais...

E que o frio nos beija a pele molhada

Mas é inverno...não peçam mais...

Que a natureza anda triste e revoltada.

Por entre invernos...

Tinha ciprestes no caminho da escola

Tinha o pensamento virado para o céu

E no natal nunca me deram uma bola

Só a esperança que ainda não morreu.

Eu que nunca temi o fogo do inferno

Que nunca me afastei com minha cruz

Cresci na ilusão de ser vate moderno

E já não sei onde verei um raio de luz.

Mas neste inverno...

Farei uma lareira no chão da felicidade

Para aquecer teu coração amargurado

Deixo em tua boca o beijo da verdade

E vou pela rua cantando o nosso fado.

Nas caleiras da minha alma a ironia...

Escorrendo embriagada de medronho

E no degelo farei montes de poesia

Que será tua quando findar o sonho.

CASCA DE NOZ

Eu...

Que me sinto às vezes uma casca de noz

E como um barco desço o rio das madrugadas

Que tenho no teu corpo a mais bonita foz

Sou um tonto á deriva nestas águas inspiradas.

Eu...

Que por vezes não entendo os teus sinais

Nem tenho na distância o sabor da felicidade

Que desejava ver no silêncio dos meus ais...

Só me afundo no perfume de uma saudade.

Eu...

Que nesta vida não sou mais nem menos

Nem quero a distinção de quem passa por mim

Que a diferença só traz sonhos obscenos

E todos vamos caminhando para o mesmo fim.

Eu...

Que ando nesta selva de gritos prepotentes

Em que as árvores morrem sem saber porquê

E não é o vento que nos mata as sementes

Mas o poder com o machado que ninguém vê.

Eu...

Que já estou cansado de não ter o sossego...

A Paz que desejava quando quero aqui escrever

Não as palavras a que o mundo tem apego

Mas tudo o que me impede de ser livre e o dizer.

Eu...

Que levantei o rosto para ver a desgraça

Daqueles a quem são negados direitos universais

Navego por este rio e digo a quem passa...

Eu sou poeta.Às vezes, casca de noz, e nada mais.

ECOS DE MARÇO

Sem o suave pagode da acostumada flor

Nem certo lirismo que abraço de vez em quando

Sou como um rio que sem barco a vapor

Parece folha morta que o vento vai empurrando.

Sem o cheiro malévolo do cigarro a arder

Nem a fricção dos neurónios que resulta em pensamento

Sou qualquer coisa que parece aqui viver

E desconhece se tanto tédio é fruto de um encantamento.

Em voz alta registei os contornos deste dia

O céu cheio de nuvens e premissas de aguaceiros

Da janela vejo a vida que passa sem alegria

E ao longe calçando o chão apenas os calceteiros.

No relógio a ausência de um coro celestial...

Um compasso para o tempo que gostava de sentir

E sentindo não me sentia como um pardal

A disputar uma côdea que ninguém quer repartir.

Pela baixa sem norte e os eléctricos a passar

Com turistas para o castelo e as vistas para o Tejo

Sou uma sombra neste dia, com o sol a viajar

Por onde…Camões, Cesário e Pessoa, juntos vejo.

Sem essa metafísica do estar aqui e existir

De sermos nós a contemplar os mistérios da vida

Impera uma sensação de que tudo vai fugir…

Da hora que nos esconde toda a coisa apetecida.

Saudemos pois os que dizem…nada temer

E também os que vacilam perante a adversidade

Saudemos a inércia sem desejo de morrer

Tudo o que nos leva e traz saudades desta cidade.

Vou com os livros na mão e as ideias na cabeça

Vejo o trajecto dos corpos e do que me obriga a pensar

Que entre o ver e ouvir tudo dita uma sentença…

Mas saudemos a poesia que a primavera está a chegar.

João Azevedo